

## AS MULHERES SOB AS LENTES DO LIVRO DIDÁTICO: PERSPECTIVAS *DECOLONIAIS E DISCUSSÕES FEMINISTAS*<sup>1</sup>

## WOMEN UNDER THE LENSES OF THE TEACHING BOOK: DECOLONIAL PERSPECTIVES AND FEMINIST DISCUSSIONS

Caíque Gonçalves Araújo<sup>2</sup>  
Ana Carolina da Silva Borges<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta como objetivo analisar as representações sociais construídas sobre os povos negros e povos indígenas tendo como documento histórico o livro didático: *História, Sociedade & Cidadania (2015)*, com a intenção de recortar as visões e percepções dadas às mulheres. O motivo para elaboração deste texto provém da busca em elaborar reflexões críticas a respeito dos posicionamentos sociais, mundos do trabalho e cultura política concedidos às figuras femininas. Enfocando a utilização de imagens no material analítico, no âmbito quantitativo e qualitativo, estabeleceremos um diálogo com autoras feministas, em sua grande parte adeptas às correntes decoloniais.

**Palavras-chave:** Mulheres, Representações, Livro didático de História.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the social representations built on black people and indigenous peoples having as a historical document the textbook: *História, Sociedade & Cidadania (2015)*, with the intention of cutting out the visions and perceptions given to women. The reason for the elaboration of this text comes from the search to elaborate critical reflections about the social positions, worlds of work and political culture granted to female figures. Focusing on the use of images in the analytical material, in the quantitative and qualitative scope, we will establish a dialogue with feminist authors, mostly adept at decolonial currents.

**Keywords:** Women, Representations, History Textbooks.

### Introdução

Sem dúvida alguma, diariamente somos bombardeados por um conjunto de imagens e informações, que nos chama atenção do quanto não devemos nos desvencilhar da importância das mídias e das tecnologias que se propalam em nosso cotidiano. Tais informações, sejam

---

<sup>1</sup> Agradeço o conselho editorial da *Revista Outras Fronteiras*, pelo cuidado com os encaminhamentos do artigo. Agradeço, também, aos pareceristas anônimos da *Revista Outras Fronteiras*, pelo olhar cuidadoso que trouxeram valiosas contribuições.

<sup>2</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis. Participou do Programa Residência Pedagógica. E-mail: caique43@outlook.com

<sup>3</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Professora Efetiva na Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). E-mail: anaborgeshis@gmail.com

textuais, audiovisuais ou imagéticas, fazem-nos questionar até que ponto a sua expansão e velocidade podem nos impactar de maneira positiva, uma vez que ao acessarmos estes aparatos tecnológicos nos é permitido uma conexão com o mundo. Por outro lado, os meios de comunicação em massa e as relações virtuais aludem a uma instabilidade das “realidades” ou pior, às deformações das “realidades”. Tal ponderação tem peso expressivo se nos reportamos às escolas, no que diz respeito ao Ensino de História, tendo em vista que a influência desse universo cria um novo horizonte condizente às linguagens recorridas, resultando, especialmente, na significativa quantidade de imagens que ocupam - com maior intensidade -, os materiais didáticos.

Para pensarmos sobre isso, seria interessante trazer à tona as observações delineadas pelo estudioso Stuart Hall, que denominou esta fase contemporânea como novos “sistemas nervosos”<sup>4</sup>. Tais sistemas enredam-nos “[...] numa teia de sociedades com histórias distintas, diferentes modos de vida, em estágios diversos de desenvolvimento e situadas em diferentes fusos horários”.<sup>5</sup>

A expansão dessas relações virtuais, inclusive, chamada de uma “nova era”, reporta à infinidade de situações nas quais as informações chegam cada vez mais fragmentadas, incompletas, individualizadas e múltiplas. Na sala de aula, essa mesma multiplicidade superabunda a ponto de provocar o que a estudiosa Ernesta Zamboni interpretou como “mudanças paradigmáticas”, ou seja, cortes e crises nos valores contemporâneos que redimensionam as categorias de espaço e tempo em inúmeras instâncias sociais. O desdobramento disso infere relações sociais e culturais, “[...] na qual o espaço é cada vez menor, o tempo cada vez mais veloz, e as relações sociais mais voláteis”.<sup>6</sup>

Mediante o contexto exposto, intencionamos investigar o quanto as imagens no tempo contemporâneo podem nos servir como documento histórico. A ideia é perceber de que forma as imagens produzem noções, leituras e visões sobre determinados grupos sociais, induzem olhares e lançam temporalidades sobre estes, encarnando em muitas circunstâncias percepções de “verdades” próximas a um modelo universal. Para isso, escolhemos como material analítico a iconografia contida em materiais didáticos buscando questionar a ausência de

<sup>4</sup> HALL, Stuart. A **Centralidade da Cultura**: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: Revista Educação & Realidade. Porto Alegre v.22 n.2 jul.\dezl. 1997. p. 17.

<sup>5</sup> HALL, Stuart. A **Centralidade da Cultura**: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In: Revista Educação & Realidade. Porto Alegre v.22 n.2 jul.\dezl. 1997. p. 18.

<sup>6</sup> ZAMBONI, E. Representações e linguagens no ensino de história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36. 1998. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881998000200005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200005)>. Acesso em: 30 jul. 2020. s/n.

imparcialidade que o seu uso provoca. Compreendemos que a seleção, organização e os próprios conteúdos imagéticos, ao estarem inscritas nos conteúdos obrigatórios nas escolas não devem ser tratadas de maneira simplista, superficial e ingênua, na medida em que corrobora na construção de uma *história oficial*.

Com a finalidade de entendermos e questionarmos tais aspectos, optamos por fazer recortes relativos aos segmentos sociais que nos servirão de objeto de estudo. Tendo em vista que este artigo apresenta como objetivo analisar representações sociais construídas sobre os povos negros e povos indígenas, tendo como documento histórico a coleção didática: *História, Sociedade & Cidadania* (2015), de Alfredo Boulos Júnior, organizada em 4 volumes dedicados ao ensino fundamental (6º ao 9º ano) com a intenção de explicar as percepções dadas, especificamente, às mulheres. O motivo para elaboração deste texto provém do ensejo em elaborar reflexões críticas a respeito dos posicionamentos sociais, mundos do trabalho e cultura política concedidos às figuras femininas, enfocando perspectivas de cunho quantitativo e qualitativo.

Acerca disso, enfatizamos que, como suportes teóricos e metodológicos, foram mobilizadas estudiosas feministas em vertentes, sobretudo, decoloniais. Tal opção parte da premissa que suas ponderações podem colaborar, e muito, para as questões que serão discutidas aqui, ou seja, exercitar a imersão no mundo das mulheres representadas nos materiais didáticos, recortando reflexões racializadas e circunscritas da mesma forma na colonialidade de gênero. Conforme a feminista argentina decolonial Maria Lugones, fazer esse corte analítico nos permite perceber as hierarquias do sistema/mundo moderno, tendo como quesito o entrecruzamento de raça, gênero e trabalho, com pensadoras da América Latina que mergulham nas discussões acerca das relações de poder experimentados a partir das conquistas das Américas. Prezando pelas epistemologias decoloniais de Walter Dignolo e Anibal Quijano<sup>7</sup>, a autora Lugones, por exemplo, se alinha aos seus debates do quanto a América Latina pode ser ponderada enquanto invenção do Ocidente, e que, alocada num lugar de subordinação, arrasta consigo resquícios coloniais até os dias atuais.

Reportar ao gênero nessa discussão é colaborar com as pesquisas que colocam na balança não apenas a colonialidade do poder e do saber, mas também de ser<sup>8</sup>. Em outros

<sup>7</sup> QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of world-systems research*, VI, 2, Summer/Fall, 2000, p. 342-386. Disponível em: <<https://jwsr.pitt.edu/ojs/jwsr/article/view/228/240>> Acesso em: 30 jul. 2020.

<sup>8</sup> LUGONES, María. *Colonialidad y Género*. Bogotá: Tabula Rasa, N.9, p. 73-101, 2008.  
MOHANTY, ChandraTalpade. Bajo los ojos de occidente: academia feminista y discurso colonial. In: NAVAZ, Liliana Suárez; HERNÁNDEZ, Aída (eds.). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*, Madrid: Editora Cátedra, 2008.

termos, ao evocarmos estas autoras estaremos preocupados(as) em nos deter, acerca dos materiais didáticos, às seguintes perguntas: Quem somos nós, povos da América Latina? O que dizem de nós? Ou ainda, como somos vistos pela “história oficial” e de que maneira nossas “diferenças” são colocadas em um universo que tende a uniformizar os corpos, a mente e a hierarquia social?

Para responder a estas questões, nos aproximamos da historiadora mexicana Rita Segato, quando nos chama atenção para olharmos os escritos oficiais com certo cuidado, dado que eles estão circunscritos num *projeto histórico*, que, ao agregar o *povo*, organiza tramas que não dispensam embates, negociações e propagações de classificações sociais que compartilham uma história. É por isso que a autora coloca a noção de *povo* como instrumento analítico, não como algo estável, linear, essencializado ou imbuído de pressupostos fixos, “mas a autopercepção por parte de seus membros de compartilhar uma história comum, que vem de um passado e se dirige a um futuro, ainda que através de situações de dissenso interno e conflituosidade”. Esta expressão, *um povo*, endossa a perspectiva consistida no “sujeito vivo de uma história, em meio a articulações e intercâmbios que, mais que uma *interculturalidade*, desenham uma *inter-historicidade*”<sup>9</sup>.

Ao entender estas questões, não poderíamos deixar de reconhecer que este texto se assenta numa crítica contundente ao Projeto de Lei nº 7180/2014, que propõe o movimento “escola sem partido”. Este, enfocando na própria exclusão do que tem sido denominado por seus defensores mais assíduos de “ideologia de gênero”, que na sua ótica infere uma espécie de “ideologia de orientação sexual” na Educação, permanece sendo ponto central nas discussões vigentes. Articulado a isso, as análises reflexivas deste artigo inscrevem-se, de igual forma, como mais uma das ações desenvolvidas para subsidiar a inclusão de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no conteúdo programático das propostas curriculares dos ciclos fundamental e médio, perante uma demanda da Lei 11.645/08.

Para facilitar a leitura, organizamos a escrita em três partes: num primeiro momento daremos atenção aos dados quantitativos do material que está em análise; num segundo momento exploraremos as representações das mulheres brancas contidas no livro tratado e, na última parte, analisaremos algumas imagens em que figuram mulheres negras no livro didático de História em questão.

---

BIDASECA, Karina. Mujeres blancas buscando salvar a mujeres color café: desigualdade, colonialismo jurídico y feminismo postcolonial. *Andamio - Revista de Investigación Social*, vol. 8, núm. 17, p. 61-89, 2011.

<sup>9</sup> SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES [Online]*, 18 | 2012. p. 111.

## 1. O material analítico

Para explorar melhor o material analítico, optamos por selecionar da coleção didática *História sociedade & cidadania* o volume destinado ao 8º ano. A escolha desse material destinado ao 8º ano se deve à familiaridade com este livro didático de História, uma vez que foi usado como material didático durante a experiência dentro do Programa Residência Pedagógica realizada nas turmas do 8º ano da Escola Estadual Prof.<sup>a</sup> Elizabeth de Freitas Magalhães, localizada no Bairro Jardim Atlântico na cidade de Rondonópolis, no ano de 2019. Articulando a isso, esclarecemos desde já que nosso enfoque dado às imagens, selecionando algumas delas para traçar algumas considerações, provém do cuidado em aprofundar-nos nas mesmas e delinear reflexões que nos permitem enxergar o tratamento desigual concedido às figuras femininas e às figuras masculinas, e ir um pouco mais além, percebendo as diferenças de olhares pautados entre as mulheres negras, as mulheres indígenas e as mulheres brancas.

Olhando a obra *História, Sociedade & Cidadania 8º ano* mais de perto, podemos perceber que a mesma contempla diversos assuntos que se voltam à temáticas econômicas e sociais, com vistas ao mundo do trabalho, cujas mulheres são esboçadas em meio à universos culturais e, recorrentemente, aparecem em caixas informativas de caráter complementar e de conteúdos de curiosidades. A respeito das vertentes historiográficas que servem como aporte teórico e metodológico selecionado pelo autor, vislumbram-se correntes historiográficas francesas e inglesas. Em outras palavras, em versões ocidentalizadas, de homens brancos, autores como Eric Hobsbawm, Edward Palmer Thompson, Christopher Hill, Jacques Le Goff, entre outros.

O livro *História, Sociedade & Cidadania*, “que obteve primeiro lugar em distribuição nas escolas públicas de todo o país”<sup>10</sup> apresenta, de igual maneira, outros(as) escritores(as) contemporâneos(as) brasileiros(as), que são bastante conhecidos(as), e são da região do sudeste brasileiro. Para vislumbrarmos isso, traremos aqui dois exemplos: a historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz, que tem sua obra divulgada em vídeos por meio da plataforma *YouTube* e está muito presente em redes sociais, principalmente na rede social *Twitter*, ou vídeos que apresentam na íntegra suas entrevistas<sup>11</sup>, agregado à seus livros, artigos para revistas e jornais digitais renomados. Temos também o historiador brasileiro Leandro

<sup>10</sup> SOUZA, Joilson Silva de. A história indígena e sua presença nos livros didáticos. **Revista de História**, Bahia, v. 6, n. 1-2, p. 5-19. 2017. Disponível em: <https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/revistahistorian6v1-2.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020. p. 6.

<sup>11</sup>Entrevista de Schwarcz para *Época*. Disponível em: <https://epoca.globo.com/existe-um-ataque-todas-as-formas-de-educacao-diz-lilia-schwarcz-23361600>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Karnal, que apresenta vários vídeos postados em seu canal oficial no *YouTube* e palestras espalhadas em diversos outros canais. Ele possui atuação midiática escrevendo em jornais<sup>12</sup> ou concedendo entrevistas<sup>13</sup> em revistas digitais, além de publicação substancial em forma de livros, artigos e capítulos de livros.

Deste modo, há de se pensar que existe uma relação entre autores(as) e editoras, ou seja, incorrem interesses mercadológicos por trás das obras didáticas, que autenticam a construção de uma *história oficial* articulada aos centros de pesquisas científicas do país, localizada no sudeste brasileiro, no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, endossando assim o movimento de serem os grandes detentores do que os decoloniais denominam como colonialidade do saber. Sendo mais claro, estamos a lidar com o que Julieta Paredes<sup>14</sup> chamou de “entroncamento de patriarcados”, que seria esse processo intrusivo da colônia, e, posteriormente, dos Estados republicanos nestes “outros mundos”, onde transcorre infiltração específica na atualidade de controle e uniformização dos *povos* via hierarquias mundiais frente à seu preceito de cidadania. As escolas, aldeamentos indígenas, quilombos, hospitais, prisões, entre outros espaços, estão submersos por estas práticas de poder, onde se constroem referências e legitimidade política de mando e apropriação sobre a vida das pessoas em diferentes esferas sociais, embasadas na ótica do dominador ocidental.

Se os textos escritos induzem enfoques a seus leitores, é nos permitido afirmar que os dados quantitativos nos ajudam a pesar estas questões. Acerca disso, esboçaremos algumas informações numéricas levantadas sobre as imagens que compõem a obra *História, Sociedade & Cidadania 8º ano*. Este contém um total de 320 páginas. Destas, 176 páginas possuem imagens iconográficas, nas quais o recorte temporal, contemplado no livro didático em questão, vai do período colonial do Brasil aos dias atuais. Trata-se, portanto, de um conteúdo histórico que recorta duração longa, englobando o contato do nosso país com o mundo, especialmente com o Ocidente, que ocupa parte expressiva dos conteúdos apresentados.

Observamos ainda outros dados interessantes. Das 176 páginas destinadas à imagens iconográficas, há uma variação das tipologias expostas: gravuras, pinturas, fotografias, jornais, charges, panfletos, fotografias de estátuas, monumentos e outros, que resultam em 252 imagens. Percebe-se nesse cenário a importância deste tipo de material para a elaboração

<sup>12</sup>Coluna de Leandro Karnal para o Estadão. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/colunas/leandro-karnal>. Acesso em: 14 fev. 2020.

<sup>13</sup>Entrevista de Karnal para a revista e rádio Gauchazh. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/12/ser-feliz-e-uma-decisao-afirma-leandro-karnal-ck4u4hhf101s01k8kgvsosxv.html>. Acesso em: 14 fev. 2020.

<sup>14</sup> PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitario**. La Paz: CEDEC y MujeresCreandoComunidad, 2010.

de manuais pedagógicos, já que consta em 55% das páginas existentes no livro. Contabilizamos um total de 26 imagens compostas exclusivamente por mulheres, 74 que apresentam as figuras masculinas e, o restante, 152 imagens são exibidas em meio a ambos os universos, o masculino e o feminino. O mais chocante foram os dados sobre os universos femininos, uma vez que das 26 imagens que constam só mulheres, 14 delas representam mulheres brancas e 12 delas, mulheres negras. Nenhuma, portanto, apresenta representações de mulheres indígenas. Todas as aparições imagéticas das figuras femininas indígenas foram acompanhadas de homens. O universo não binário, idem, ele sequer aparece no campo das representações do livro estudado. No mais, alertamos aqui que, destas imagens mencionadas, por conta do número de páginas deste artigo, daremos atenção àquelas que versam apenas sobre mulheres.

Nadja Hermann, pensando o gênero, nos alerta que a formação de binários é uma herança ocidental<sup>15</sup>. Sua ideia de oposição vem nessa noção que envolve entre o “eu” (identidade) e o “outro” (alteridade) – sendo este último tudo aquilo que foge do referencial ou modelo social. Assim, a construção binária desmonta as posições representadas anatomicamente de maneira estável, ordinária e contínua. Perante esse quadro, uma coisa é certa: os gêneros em sua lógica binária são construídos nos livros didáticos, enquanto que os não-binários estão distantes das escolas. Outro ponto importante condiz com a redistribuição destes universos binários de representação imagética: as mulheres ocupam apenas um espaço de 8.125%, enquanto os homens ocupam uma posição mais favorável, a de 23.125%. Mas disparam na frente os dados condizentes a contemplação de ambos os gêneros na mesma imagem, totalizando 47.5%, em detrimento dos universos não binários, completamente silenciados, atuando com 0.0%.

## 2. Representações sociais

---

<sup>15</sup> HERMANN, Nadja. **A questão do outro e o diálogo**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, v. 19, n. 57, p. 477-493, 2014. p. 479.



Figura 1, 2 e 3: Capa da coleção História Sociedade & Cidadania 8º, 7º e 6º ano respectivamente.

Feitas estas ponderações, iniciamos nossa explanação trazendo a foto da capa, composta por dois planos. Para que estes aspectos sejam melhor explorados, dado que as imagens não são montadas de maneira neutra, basta salientar que na coleção *História, Sociedade & Cidadania*, as capas de 6º a 8º, diferente da capa do 9º ano, são exibidas em meio a um retrato de algum jovem. A do 8º ano (Figura 1) é uma criança branca, a do 7º ano (Figura 2) uma criança africana, e a do 6º ano (Figura 3) uma criança indígena.

O primeiro (Figura 1), apresenta uma criança, de aproximadamente 13 anos de idade, branca, do sexo masculino, vestida com uma camiseta vermelha e carregando uma madeira cortada. O segundo plano, desfocado, é composto por uma grande quantidade de madeiras talhadas e sobrepostas umas às outras. Reitera-se ainda que no primeiro plano aparecem informações complementares de edição. A expressão da criança não esboça cansaço, tristeza ou insegurança. Pelo contrário, tem olhar firme e direto para o fotógrafo.

Neste caso, é permitido indicar a influência direta de cor e da classe da figura retratada: o menino pode ser lido como dono ou filho do proprietário, ou lido como um jovem que representa o futuro, cuja madeira simboliza uma atividade econômica em ascensão no país, voltada às atividades do agronegócio. Percebam que independente da interpretação que se faça sobre imagem, dois pontos são recorrentes em todas elas: a ideia de que a figura é masculina e branca. Mas, como vimos, estes fatores interferem no significado da imagem, que neste caso atrai pontos positivos, porque estamos lidando com dois pesos sociais alinhados a um relativismo cultural apresentada a um menino, que aparentemente ocupa um lugar privilegiado na sociedade.

A criança indígena (Figura 3) é representada com um fundo verde remetendo à floresta e utilizando roupas típicas com adornos de penas e pinturas no corpo. Já a criança africana (Figura 2) aparece em um fundo marrom que remonta a um deserto e também usando roupas típicas e cabelo trançado. Ou seja, no caso das capas em análise, a figura masculina jovem e branca aparece vestida de roupas comuns e imunes de quesitos que os associem a um universo “exótico” e “folclorizado”. Percebemos então que a criança indígena e a criança africana são representadas de maneira estereotipada, enquanto a criança branca se apresenta imersa num contexto mais familiar e contemporâneo.

Se cunharmos a categoria de “contrato sexual” de Carole Pateman<sup>16</sup>, podemos atualizar e enriquecer este conceito nos ajustando à Rita Segato, quando assinala que nas terras colonizadas ou que passaram por esse processo, “o contrato sexual é disfarçado pelo idioma de contrato cidadão”. Logo, incita uma “tentativamente, de totalização progressiva pela esfera pública ou *totalitarismo da esfera pública*”, que, aliás, “alimenta e aprofunda o processo colonizador”<sup>17</sup>. A figuração dos jovens pode ser compreendida nesses recortes: a figura negra assimilada à África, a indígena à uma América pré-colonial e o Brasil atual a um jovem que nos leva ao futuro, que não é latino-americano, nem africano e, sim ocidentalizado, branco e masculino.

No mais, a obra selecionada se apresenta como manual pedagógico aplicado aos jovens que estejam entre 13 e 14 anos, momento este responsável pela formação identitária no universo escolar, onde os adolescentes começam a delinear inclusive suas orientações sexuais.

Paralelo a isso, daremos vazão especificamente às imagens inferidas aos universos masculinos e às figuras femininas ou, ainda, à mistura de ambos. O caminho analítico aqui tratado se torna ainda mais difícil se for colocado na balança que estamos lidando com um campo da representação complexo e que, conforme nos alerta a autora Martine Joly<sup>18</sup>, vivemos numa “civilização da imagem”, da qual somos consumidores. Desde que nascemos somos bombardeados por figuras de várias origens e formatos, às quais temos que considerar os símbolos, os espaços, os meios e as temporalidades que possuem. Não é à toa que, enquanto a capa tratada acima remete a um tempo presente e uma projeção para o futuro, as demais são a-históricas.

A par disso, se observarmos com mais calma, as imagens nos livros didáticos são construtoras de outras formas de linguagem. Porque em muitas circunstâncias aparecem como

<sup>16</sup> PATEMAN, Carole. **The Sexual Contract**. Stanford: Stanford University Press. 1988

<sup>17</sup> SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES [Online]**, 18 | 2012. p. 112.

<sup>18</sup> JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 9.

um texto escrito lido por meio da informação não verbal. Somado a isso “Para o saber editorial, na contemporaneidade, os textos escritos, quando associados à imagem visual, têm a função de limitar ou dirigir o ato de leitura para uma dada interpretação sobre as iconografias”.<sup>19</sup>

Passemos agora a refletir sobre as mulheres brancas no material analítico elencado. Com esse intuito, selecionamos quatro imagens que abarcam a forma como são lidas: 1) Figura 4: Anita Garibaldi, p. 221; 2) Figura 5: Rainha Catarina II, p. 104; 3) Figura 6: manifestação ocorrida no Brooklin, Nova York, em 1920, p. 115; e, por último, o 4) Figura 7: as mulheres migrantes das colônias do Sul do país, na p. 247.



Figura 4: Digitalização de “figura de Anita Garibaldi”, obra História Sociedade & Cidadania, p. 221.  
Figura 5: Digitalização de “retrato da Rainha Catarina”, obra História Sociedade & Cidadania, p. 104.

A primeira imagem (Figura 4) trata-se de uma gravura. Em preto e branco aparece uma mulher branca e jovem, vestida com calça, sapatos e terno. Seu cabelo está preso. Ao fundo aparece uma porta de madeira e, numa espécie de batente ou aparador, está seu chapéu pendurado. Com a mão na cintura, o olhar firme da mulher retratada dá um tom de serenidade e segurança. Ao lado aparece uma legenda que a identifica: “Retrato de Anita Garibaldi (1821-1849), companheira de Giuseppe Garibaldi (1808-1882). Roma, 1849. Coleção Particular”.

A segunda imagem (Figura 5) condiz a uma pintura de uma mulher branca de pé. Usando um vestido branco longo que cobre seus braços, pernas e seu colo, é completada por uma capa amarela com alguns desenhos de cor vermelha e uma faixa que atravessa seu

<sup>19</sup> BUENO, João Batista. Imagens virtuais em livros didáticos de história. In: **Resgate**, vol. XIX, n. 22 - jul./dez. 2011, p. 68.

ombro, se estendendo até a cintura. A figura usa uma sapatilha branca, um colar de flores coloridas e tem os cabelos presos para trás em um penteado da época. Seus braços estão abertos. No segundo plano, vê-se um quadro que estampa a parede de cima a baixo, tendo na parte elevada uma mulher sentada com vestimenta semelhante: vestido longo, da cor branca, olhando para a primeira figura e segurando um objeto, uma balança. O cenário ali montado apresenta outros elementos, dado que contém um pilar em um de seus cantos. E num terceiro plano identifica-se o mar e uma embarcação de grande porte. A legenda que a acompanha vale a pena mencionarmos para elaborarmos algumas questões mais adiante: “A rainha Catarina II representada como legisladora no templo da Deusa da Justiça (repare na balança em suas mãos), 1783. Museu Estatal da Rússia, São Petersburg Rússia”.<sup>20</sup>



Figura 6: Digitalização de fotografia de “uma cena ocorrida em uma avenida do Brooklin, no estado de Nova York, em 1920”, obra História Sociedade & Cidadania, p. 115.

Figura 7: Digitalização de fotografia de “as mulheres imigrantes das colônias do Sul do país”, obra História Sociedade & Cidadania, p. 247.

A Figura 6 é uma fotografia em preto e branco, dividida em três planos. O primeiro é composto por cinco mulheres brancas e jovens. Elas usam vestidos escuros que lhes cobrem os corpos: saias longas, blusas de manga com colarinho de cores claras e casacos abotoados. De acessórios, utilizam chapéus, luvas e bolsas, além de suas sapatilhas e botas de saltos. Elas estão enfileiradas e cada uma carrega um cartaz na mão com as seguintes frases em inglês: “votos para mulheres”, “Senhora líder Pankhurst, pelo sufrágio inglês”, “Senhora líder Pankhurst, pela Academia de Música”, “Senhora líder Pankhurst, pelo direito ao voto”, “Senhora líder Pankhurst, pela União Política das Mulheres”. Elas caminham numa rua tendo à sua frente a figura de um homem branco com vestimentas de policial. Este usa sapatos,

<sup>20</sup> BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História sociedade & cidadania 8º ano*. 3 ed. São Paulo: FTD, 2015. p. 114.

calças compridas, blusa com colarinho claro devidamente abotoado e casaco que se alonga até o joelho. No segundo plano, traz um bonde e diversas figuras caminhando, a maioria são homens. E, no terceiro plano observam-se paisagens arquitetônicas compostas por prédios altos antigos, que remetem à tendência clássica, de ambiente urbanizado bem movimentado ao longo do dia. Tudo transcorre numa praça.

A quarta fotografia, Figura 7, apresenta cinco mulheres brancas enfileiradas uma ao lado da outra, com exceção de uma delas que aparece de pé num lugar mais alto que as demais. Suas vestimentas são compostas por blusas de manga compridas, vestidos longos e colete. Por ser em preto e branco torna-se inviável descrever suas cores. Seus cabelos presos para trás completam um cenário próprio da época, com três delas usando chapéus, duas sem este acessório. Suas mãos seguram instrumentos de agricultura (rastelo), mirando seus olhares para a frente. No segundo plano, aparece uma construção de madeira. A legenda que constitui a imagem traz a seguinte informação: “Mulheres imigrantes. Acostumados ao trabalho familiar em seu país de origem, todos os membros das famílias imigrantes uniam esforços para melhorar de vida. Geralmente a família conseguia juntar dinheiro vendendo gêneros alimentícios e animais. Além de cuidar de casa e da educação dos filhos as mulheres tinham um papel decisivo no mundo do trabalho”.<sup>21</sup>

Quatro situações retratadas através destas imagens nos proporcionam elencar um conjunto de características da maneira como são figuradas as mulheres: a primeira condiz com a construção de uma heroína branca, Anita Garibaldi, brasileira e nascida em Laguna (SC), foi uma personagem bastante difundida no Brasil, que, acompanhada de seu companheiro Giuseppe Garibaldi, um herói nacional estrangeiro (italiano), lutou pela liberdade no sul do país na revolta “Farroupilha”, objetivando a construção de um Estado independente.

A segunda imagem (Figura 5), embora não seja uma fotografia e sim uma gravura, remete à rainha da Prússia, Catarina II, sugerindo a associação da sua imagem à deusa da justiça. Simbolizada como a razão mediante o período iluminista, Catarina não é apenas uma figura política e legisladora, mas sim uma personagem que mistura elementos do sagrado com elementos que a humanizam, conotando uma nova era. É por isso que se tem como pano de fundo o mar, a navegação, a arquitetura, que nos fazem lembrar o período clássico da Antiguidade e trazem elementos que nos levam a associá-la à expansão marítima.

A terceira imagem (Figura 6) induz a um tempo moderno onde as mulheres ganham destaque ocupando as ruas, reivindicando direitos de igualdade com os homens no movimento

<sup>21</sup> BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História sociedade & cidadania 8º ano*. 3 ed. São Paulo: FTD, 2015. p. 247.

feminista chamado por algumas estudiosas como “primeira onda”, tomando os lugares públicos de visibilidade para alcançarem conquistas das demandas que prezavam por melhores condições de trabalho e direitos de cidadania, como o direito de votarem, terem seus salários equiparados aos homens, dentre outros.

A quarta imagem evoca o processo de formação de nação do Brasil, na Primeira República, por meio da continuidade da migração europeia e de políticas territoriais nas áreas divulgadas como “vazias”, “despovoadas” e “improdutivas”. Se nas outras figurações as mulheres tinham posição financeira favorável, nesta subentende-se que elas se encontram numa situação desfavorável, todavia ainda detentoras de terras.

Em todas as situações acima descritas as mulheres brancas aparecem atuando em espaços diferentes: campo, ambientes urbanos e palácios. Seu lugar social também diversificava: são governantes e associadas à deusas, são imigrantes e desbravadoras, são trabalhadoras das fábricas nas cidades e ativistas políticas, são heroínas e guerreiras que expandem suas militâncias no mundo a fora. E, acima de tudo, são ocidentalizadas, não têm contato e não se misturam com pessoas de outras raças e etnias, especialmente as mulheres negras ou indígenas.

Acerca disso, não poderíamos deixar de articular estas reflexões, ou seja, esta hierarquia mundial que, no seu ponto interseccional, entre raça, gênero e trabalho, nos leva a pensar na nossa proposta inicial, que seria inter-historicizar estas mensagens, percepções, fantasias e desejos diluídos nas imagens. Ao endossar isso, dentre as correntes epistemológicas que questionam estas classificações, um grupo de feministas *decoloniais*, como Yuderky Epinosa-Minoso, Livia Gimenez Dias da Fonseca, Francesca Gargallo, Anne McClintock, Breny Mendoza, Rita Lauro Segato, Glória Anzaldúa, Ana Rebeca Prada, entre outras; mostram que a ideia de *colonialidade*, enquanto uma cadeia histórica, reforça preposições binárias, recorrendo ao campo de gênero na montagem de suas hierarquias do sistema-mundo-capitalista, tais como: natureza/cultura, corpo/mente, humanos/não-humanos e, também homem/mulher. Questionando esse formato binário, as teóricas mencionadas, de modo geral, buscam reflexões críticas que trabalhem e instalem olhares nos entrelugares dos binarismos citados. Conforme apontou Lugones<sup>22</sup>, a partir da constituição do “sistema-mundo moderno/colonial de gênero”, a corrente feminista decolonial é uma das poucas correntes teóricas que de fato consegue olhar com maior cuidado o “dimorfismo sexual, a organização

<sup>22</sup> LUGONES, María. *Colonialidad y Género*. Bogotá: Tabula Rasa, N.9, p. 73-101, 2008. p. 78.

patriarcal e heterossexual das relações patriarcais” inferidos em processos de colonização e que se arrastam aos dias atuais.

Nas imagens selecionadas acima elas aparecem ativas, decididas, seguras, ocupando espaços de trabalho, protagonismo femininos que rompe com as ideias que suas vidas estivessem inscritas em ambientes fechados de subordinação, transvestidas de ocupações emancipadoras e ordinárias, e estas representações questionam as relações patriarcais, ou apenas ocasiona um dimorfismo sexual? Passemos a discutir isso, racializando nossas análises.

Assim como o pequeno conjunto apresentado acima, elencamos para esta parte do nosso texto também a mesma quantidade de fotografias, agora de representações de mulheres negras, três delas em locais de trabalho e uma delas em um momento de lazer. Nelas, estaremos preocupados(as) em esboçarmos os elementos mais destacáveis de suas figuras através das suas vestimentas, atribuições rotineiras, paisagens e temporalidades. Para além da descrição das iconografias, traçaremos, em paralelo, comentários fundamentais para a compreensão de aspectos relevantes sobre suas representações imagéticas. As quatro fotografias a seguir correspondem: 1) (Figura 8) Jovem atuando numa central telefônica central, em 2010, p. 792); 2) (Figura 9) fotografia de uma comunidade rural, p. 25; 3) (Figura 10) Fotografia de mulheres negras na Vila Madalena, p. 28; 4) (Figura 11) mulheres de tabuleiros, p. 31.



Figura 8: Digitalização de fotografia de jovem atuando em uma central telefônica, obra História Sociedade & Cidadania, p. 79.

Figura 9: Digitalização de fotografia de uma comunidade rural, obra História Sociedade & Cidadania, p. 25.

A nossa primeira imagem é a fotografia de uma mulher, negra, jovem. Ela está sentada na frente de um computador e de uma mesa, usa uma camiseta verde e fone de ouvido. Seu cabelo está solto e pela luz do dia observa-se o corte *Black*. A mulher está diretamente olhando para câmera esboçando um sorriso. O espaço na qual ela se encontra é um escritório

num prédio que parece estar localizado na região central de uma cidade grande, dado que no segundo plano se vê as partes altas das várias construções de prédios em virtude da janela de vidro pertencente ao cômodo.

A fotografia é marcada por uma temporalidade, os dias atuais, em que a temática explorada envolve os mundos dos trabalhos ocupados pelas mulheres negras. Do mesmo modo, é marcada por um espaço: ambientes urbanos das regiões centrais do Brasil. Pelas vestimentas, a jovem negra, embora estivesse num escritório de luxo, ocupa funções de secretária, telefonista ou atendente. Seu sorriso indica felicidade ou satisfação com o seu lugar, o que nos fez indagar, por exemplo, se a mesma circunstância é atribuída a outras jovens negras ou se esta imagem é um caso particular.

A segunda fotografia (Figura 9) tem um diferencial, dado que ela se constitui mais de paisagens do que necessariamente mulheres. Distribuída em três planos, mostra elementos bem particulares, haja visto que uma parte significativa das coisas, materiais e produtos vem do meio que cercam seus habitantes. No primeiro plano, consta-se uma casa de barro, coberta com telhas de barro. Já o portão, o poste e o banco vazio que constam na fotografia são todos feitos de madeira. Na frente da habitação encontra-se uma jovem negra que usa um short azul, camiseta amarela e tem seus pés calçados com chinelos. A figura feminina de costas para a fotografia e de frente a porta aberta está sentada do lado de fora da casa numa cadeira de plástico.

O segundo plano é constituído por uma pequena plantação de abóbora, cercada por arames sobrepostos em pequenos pilares de madeiras. Depois da cerca aparece uma segunda casa branca. Esta habitação de concreto tem aos seus fundos uma espécie de paiol aberto coberto com palha, indicando criação de animais domésticos. Ao lado do paiol estão algumas plantações de milho e banana. Já o terceiro plano é tomado por árvores frutíferas, incluindo manga e caju, formando uma mata fechada.

O que nos chamou atenção nessa fotografia é que, se na primeira imagem temos uma jovem negra olhando para a câmera e num trabalho formal, assalariado, na qual a personagem apresenta dinamismo por estar em uma fotografia que supõem movimentação, na segunda imagem temos o contrário disso, uma paisagem rural parece exercer destaque e marcar um tempo: o tempo do campo, que no dia atual é tomado por moradoras negras, que nas suas vidas rotineiras misturam elementos do “antigo” com o “moderno”, e que tem nas atividades rurais mais destaque às paisagens do que seus habitantes. A foto, por exemplo, não evoca

ação, dinamismo ou mudança, mas sim remete a um tom de passividade. É uma das poucas imagens em que se figura alguém de costas para o (a) fotógrafo (a).



Figura 10: Digitalização de fotografia de mulheres negras na Vila Madalena, obra História Sociedade & Cidadania, p. 28.

Figura 11: Digitalização de "Mulheres de tabuleiros", obra História Sociedade & Cidadania, p. 31.

A terceira fotografia (Figura 10) também não deixa de ter elementos particulares. São três mulheres negras em seus estilos afros bem acentuados, usam sandálias alternativas, vestidos e seus cabelos estão soltos. As três encontram-se sentadas em um banco de madeira branco e sorriem para a fotografia. Na frente destas têm-se outro banco de madeira, com duas fileiras ocupadas por cinco bonecas: uma indígena, uma negra, uma japonesa e duas brancas (uma de cabelo claro e outra de cabelo escuro). No segundo plano, temos uma parede e dois quadros, que são parcialmente mostrados na fotografia.

Nesta tipologia de fotografia se articula a ideia da diversidade cultural e racial no Brasil, na qual entre cinco raças diferentes representadas pelas bonecas, duas são variações da raça branca. Como se as outras raças não tivessem variações ou ainda como se aquelas bonecas, feitas por mãos negras, estivessem conformadas ao discurso de diversidade brasileira. Entre as bonecas, vê-se ainda que tal diversidade é representada de maneira inclusiva, já que uma das bonecas brancas é uma cadeirante.

E, por último, temos na fotografia selecionada para análise a circunstância em que as mulheres negras são recorrentemente representadas em outras imagens do livro didático tratado: vendedoras de alimentos, com reforço cultural que remeta a sua cultura africanizada e, sobretudo, feliz em sua posição social (Figura 11). Nela encontramos dois planos, no primeiro uma barraca que comercializa pratos tradicionais brasileiros: camarão, vatapá, temperos, molho de pimenta, caruru, vinagrete, pães, peixes e carnes. Tais comidas

guarnecidas numa mesa são cuidadas por uma jovem negra, que aparece atrás da mesa, sentada numa cadeira e sorri para a câmera. Esta jovem tem uma colher de pau grande em suas mãos e se veste de maneira típica: saias rodadas, batas claras e colares coloridos, com a cabeça coberta com dois lenços entrecruzados numa amarração que esboça serem turbantes. Já no segundo plano, a paisagem dominante de um calçadão, a areia e o mar. A fotografia foi tirada durante o dia.

Importante reiterar que a trabalhadora negra vende não só alimentos, mas se preocupa em montar estratégia imagética, na medida em que usa roupas estereotipadas para dar crédito a uma prática secular. Ligada a este fator, identificamos de igual maneira outro aspecto: a temporalidade. A jovem fotografada inscreve-se num cenário temporal que não a desliga de nosso passado, e sim o reafirma, haja visto que os serviços prestados em períodos coloniais desenvolvidos por mulheres escravizadas encontram-se em voga no mundo contemporâneo. Em outros termos, é como se elas, as negras de modo geral, não conseguissem romper os resquícios da escravidão, logo, não estivessem inseridas em espaços “outros”, galgando e ocupando funções de lideranças, de chefia ou de saberes, em meio a cientistas e intelectuais.

Frente a estas quatro fotografias podemos traçar outros comentários. Todas elas atuam na representação das mulheres, que neste caso tem um corte racial. Elas também apresentam variações de espaços: escritórios de prédios localizados em regiões centrais das grandes cidades, meio rural, feiras de venda de trabalhos artesanais e/ou barracas de alimentos que ocupam os ambientes praianos do nordeste brasileiro onde o turismo é marcante<sup>23</sup>. Nestas imagens as figuras femininas são exibidas sozinhas ou em grupos, desenvolvendo funções diversificadas, haja visto que são telefonistas, agricultoras, quitandeiras ou vendem artesanato. Todavia, se prestarmos um pouco mais de atenção, este pequeno conjunto de imagens também evoca elementos comuns. Autônomas ou funcionárias de empresas, ocupam funções que as associam ao trabalho mal remunerado ou informal e posições de serviços subalternizados. A simbologia do sorriso não deve ser ignorada, dado que assimila alegria e,

---

<sup>23</sup> Nesse mesmo livro analisado temos imagens e gravuras coloniais das quais as mulheres negras chegam a ser representadas como elite. Ali, elas usam roupas europeias, penteados europeus, estão em lugares que se assemelham a ambientes mais “civilizados” e com comportamentos ocidentalizados. Em “Cortejo da rainha negra na festa dos reis”, p. 64, é possível vislumbrar uma dessas circunstâncias. Contudo, ressaltamos que a maioria das imagens coloniais ou do período da escravização as mulheres negras são recorrentemente colocadas em ambientes que lembram as senzalas, a cozinha da casa grande, a economia informal das cidades, ou são expressadas em meio a universos masculino em planos secundários, subalternas, dependentes e passivas como na imagem de “Negros Calceteiros”, 1935, p. 182.

logo, conformismo com os cargos que exercem, se expressando de forma comum nas imagens elencadas<sup>24</sup>.

A maneira como aparecem nestas imagens não pode ser lida como neutra. Para Sá<sup>25</sup>, a simbolização das práticas e dos indivíduos representados tem papel importante na construção do que se entendem como “realidades históricas” e, logo, na interpretação que fazem destas pessoas na sociedade na qual compõem. Partilhando essas versões nas escolas, os grupos representados conferem sentido às vidas sociais, ou seja, acionam comportamentos e espaços que a eles cabem ocupar no âmbito social.

### Considerações Finais

É nesse ponto que nos aproximamos das colocações feitas pela historiadora Fernanda Françoso<sup>26</sup>. Uma vez que as mulheres negras aparecem em quantidade inexpressiva, e acima de tudo misturadas em distintas percepções: evocam atos de estratégias de sobrevivência, e não apenas em posição de sofrimento e servidão. Contudo, olhando mais atentamente as legendas e conteúdo textual que acompanham as imagens nas quais aparecem, elas são colocadas em meio a texto explicativos, descritivos e de curiosidade e, não necessariamente, num tema particular que traga reflexão sobre a figura feminina no âmbito de coloração e contestação histórica. Aliás, temas atuais e frágeis que sequer são explorados, a exemplo de suas atuações políticas, no campo das reivindicações do movimento feminista negro, no papel destas mulheres no desenvolvimento da sociedade, no âmbito do ativismo, que pode ser em ambientes públicos ou privados, nos quais debatem sobre o racismo, o machismo, o preconceito e o patriarcado.

---

<sup>24</sup> Nas gravuras e outras imagens como “Negras vendedoras”, 1776, p. 64, mulheres negras aparecem em pé, trabalhando nas ruas, plantações ou senzalas e, ainda estão presentes em manifestações culturais como em “Manifestação ocorrida em Brasília – Trezentos anos da morte de Zumbi, 1995”, p. 24, que as relacionam a identidades da cultura afro-brasileira.

<sup>25</sup> SÁ, Iranita M. A. **Educação a Distância**: Processo Contínuo de Inclusão Social. Fortaleza, C.E.C., 1998.

<sup>26</sup> FRANÇOSO, Fernanda Gomes. **Os lugares de mulheres negras em materiais didáticos de história da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade Ciências e Tecnologia -FCT. UNESPE (Universidade Estadual Paulista), 2017.